

A Matriz Sigilar Medieval de Martim Abarca (Tavira)

Mário Jorge Barroca¹
Alexandra Gradim²

RESUMO:

Estudo da matriz sigilar medieval de Martim Abarca, nobre de origem castelhana. A peça, atribuível à segunda metade do século XIII ou às primeiras décadas do século XIV, apareceu numa propriedade particular em pleno centro histórico de Tavira, nas proximidades da muralha muçulmana e do castelo.

Palavras-chave: Matriz Sigilar – Martim Abarca – Tavira

ABSTRACT:

Study of the medieval sigilar matrix of Martin Abarca, a noble man of Castilian origin. The sigilar matrix is attributable to the second half of the 13th century or the first decades of the 14th century. It appeared in a private property in the historic center of Tavira, near the Muslim walls and the Christian castle.

Keywords: Sigilar matrix – Martim Abarca – Tavira

Portugal não é particularmente rico no que respeita à preservação de matrizes sigilares medievais. Com efeito, na sua obra *O Estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa*, o Marquês de Abrantes inventariou e estudou apenas 46 exemplares (TÁVORA 1983, pp. 91 a 126), aos quais acrescentou, no final do livro, mais 8 espécimes estudados por outros autores e que ele não conseguiu analisar directamente (TÁVORA 1983, pp. 331-336). A este acervo poderíamos acrescentar mais alguns exemplares que passaram despercebidos a D. Luís Gonzaga da Lancastre e Távora – como é o caso da matriz sigilar aparecida nas escavações do Castro de Nossa Senhora da Cola (a mediéfica vila de Marachique) divulgada por Abel Viana (VIANA 1961, p. 25 e Fig. XXXII, nº 14) – ou que apareceram depois da edição do clássico estudo do Marquês de Abrantes – como é o caso de três matrizes estudadas pelo próprio Marquês de Abrantes logo no ano seguinte, em 1984 (TÁVORA 1984), de um fragmento de matriz sigilar aparecido nas escavações arqueológicas da Casa do Infante (Porto) (INFANTE 94, nº 61, p. 179), de uma matriz sigilar aparecida nas escavações do Criptopórtico de *Aeminium* no Museu Nacional Machado de Castro (GOMES S.A. 2003), de outra surgida nas escavações do Convento de Santa Clara-a-Velha, em Coimbra (GOMES S.A. 2007) e de duas matrizes sigilares recolhidas na Foz do Arade no âmbito do Projecto IPSIIS³.

¹ Professor Catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do CITCEM. mbarroca@letras.up.pt.

² Arqueóloga. Técnica Superior da Câmara Municipal de Alcoutim. alexgradim@iol.pt.

³ Cf. <http://www.ipsiis.net/index.php?idType=3&idMenu=4&idGroup=10&idSubGroup=14&idTopic=76> e <http://www.ipsiis.net/index.php?idType=3&idMenu=4&idGroup=10&idSubGroup=14&idTopic=220>.

Em todo o caso, e no que respeita a matrizes sigilares medievais, o património português está muito longe de poder ser equiparado ao que se preserva em Espanha, onde, para apenas citar o estudo, igualmente clássico, de D. Faustino Menéndez Pidal e de Elena Gómez Pérez, foram inventariados 317 exemplares (MENÉNDEZ PIDAL e GÓMEZ PÉREZ 1987).

Serve este introito para justificar que, apesar de não podermos classificar como “rara” a peça que iremos tratar nesta nótula, ela pertence a um grupo de materiais que está longe de também poder ser classificado como “comum”. E, por isso, o aparecimento de uma nova matriz sigilar, para mais com proveniência conhecida, deve ser sempre objecto de atenção por parte dos investigadores, merecendo ser publicada⁴.

A matriz sigilar que iremos estudar apareceu no coração da zona histórica de Tavira, por volta de 2003, e chegou até hoje praticamente inédita. Com efeito, ela nunca foi verdadeiramente estudada, tendo sido apenas referida por Segismundo Pinto, como ilustração a uma comunicação generalista sobre Heráldica, apresentada em Angra do Heroísmo (onde esteve exposta uma moldagem da nossa matriz), de que ficou registo num blog. Aqui foi publicada uma fotografia da referida exposição, na qual se pode ver o molde da matriz sigilar de Tavira, juntamente com o selo municipal de Castelo Mendo. Não foi, no entanto, divulgada a proveniência da peça, que surgia apenas acompanhada por uma singela legenda: “Matriz sigilar com armas da Família Abarca. Espanha? 2ª Metade do Século XIII”⁵. Tirando esta lacónica referência, e tanto quanto sabemos, a matriz sigilar de Tavira não voltou a ser publicada.

O ACHADO

A peça em análise foi encontrada na cidade de Tavira, freguesia de St^a. Maria, no interior do jardim de um prédio urbano da Calçada de D. Ana, ao qual correspondem os números de polícia 34 e 36. O seu proprietário, Florian Furhman, foi o responsável pelo achado fortuito, ocorrido, como referimos, por volta de 2003. O local da descoberta, segundo as indicações que nos foram fornecidas, corresponde às seguintes coordenadas geográficas: 37° 7' 34.01" Latitude N (sistema WGS84) e 7° 39' 7.05" Longitude W. A ele corresponde uma altitude de 16,64m (fig. 1).

A peça foi encontrada quase à superfície, sem contexto, aquando do revolvimento da terra para plantar flores no jardim. Nas imediações, cerca de 3 metros para sul, foram encontradas, noutra ocasião, junto das raízes de uma árvore, várias moedas medievais: três dinheiros de D. Sancho II (1223-1245) e quatro dinheiros de D. Afonso III (1245-1279). Apesar de não estarem em conexão com a matriz sigilar, estes sete numismas apresentam-se coerentes com a cronologia que propomos para a matriz sigilar.

A propriedade, com quase três mil metros quadrados (2.981 m²), está localizada no interior do perímetro amuralhado do burgo medieval de Tavira, a cerca de 40 m da igreja de Santa Maria do Castelo, que é a igreja Matriz, e nas imediações da igreja de S. Tiago, ambas erigidas no século XIII e reconstruídas após o terramoto de 1755⁶. Dista igualmente cerca de 100 m da entrada do castelo (fig. 2).

Conforme é visível na planta Tavira da autoria de Leonardo de Ferrari (fig. 3), atribuída por alguns autores a 1650 e por outros aos meados do século XVI (MAGALHÃES, 2008, p. 225; FRAGA, 2008), a área urbana do atual prédio nº 34 e 36 é delimitada a Oeste pelo pano de muralha moderno. Esta construção mais tardia coincide praticamente com o traçado da muralha islâmica correspondente ao período de Taifas (II) proposto por Manuel Maia (MAIA, 2003, pp. 157-160). A

⁴ Os autores não podem deixar de registar um agradecimento especial a Florian Furhman por ter facultado o acesso a esta peça e pelas informações transmitidas sobre as circunstâncias do seu aparecimento.

⁵ Cf. http://bagosdeuva.blogspot.pt/2009/10/heraldica-suas-origens-evolucao_12.html (consultado a 25-04-2016).

⁶ Sobre a Igreja de St.^a Maria de Tavira veja-se, por todos, o estudo de Carla Varela Fernandes (FERNANDES 2000).

muralha almorávida, um pouco mais antiga, passava pelo canto Sudoeste da propriedade, sendo ainda visíveis no local restos desta estrutura.

A Nordeste, no quarteirão vizinho, situava-se a antiga Judiaria (TAVARES 1982, p. 72), onde mais tarde foi erigido o Convento de Nossa Senhora da Graça, hoje estabelecimento hoteleiro das Pousadas de Portugal.

A MATRIZ SIGILAR

A matriz sigilar de Tavira é uma pequena peça em bronze, medindo 41,43 mm x 39,79 mm e apresentando 3 mm de espessura. O campo central, quadrado, possui 23,62 mm x 23,62 mm (Fig. 5 a 8).

Do ponto de vista tipológico pertence a um grupo bem conhecido, descrito pelos especialistas como “quadrilobulado” ou como “quadrado lobado”: um campo central quadrado, onde se inscreve o motivo iconográfico ou heráldico principal, bordejado por uma legenda que ocupa três (ou, nalguns casos, quatro) lados, e completado, em cada face do quadrado, por um lóbulo semicircular, onde se inscreveram motivos secundários.

No caso da peça de Tavira, no campo central, quadrado, podemos ver um escudo de tipo francês, recto em cima e boleado em baixo, com 14,41 mm de largura e 15,69 mm de altura, carregado com duas *abarcas*, colocadas horizontalmente e viradas da direita para a esquerda. Rafael Bluteau, no seu *Vocabulário Português e Latino...*, associa as *abarcas* a um tipo de calçado de madeira: “*He o nome de certo calçado rustico, de que usão os montanhesees, particularmente de Castella. Por ser de pao, & ter alguma semelhança cõ barca, lhe chamarão Abarca. Dizem que a el-Rey D. Sancho de Navarra derão alcunha de Abarca, por haverse criado menino com vestiduras rusticas, para ser menos conhecido; ou porque havendo de passar os montes Pyreneos, para levar socorro a Pamplona, cercada dos Mouros, fez passar a gente, que levava, com abarcas nos pés pelas terras, cheas de neve.*” (BLUTEAU 1728, vol. I, p. 13). Por seu turno, no Dicionário de Morais, define-se *abarcas* como certo tipo de “*calçado constituído por uma sola e alguns pedaços de couro cru, atados com cordéis*” (MORAIS, s.v. Abarca, vol. 1, p. 19). Definição equivalente é dada por Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo, no *Elucidário*: “*Certa espécie de calçado rústico que também se diz alabarca. Compõe-se de uma sola e alguns pedaços de couro cru, atados por cordéis. É muito acomodado para andar por caminhos fragosos e montes cheios de neve. É sabida a razão por que a D. Sancho II e a seu filho D. Garcia III, reis de Navarra, deram a alcunha de Abarca. (...)*” (VITERBO 1965, I, p. 124)⁷. As definições de Fr. Joaquim de Santa Rosa Viterbo e de António de Morais da Silva estão, portanto, mais de acordo com a representação heráldica das *abarcas* que observamos na matriz sigilar de Tavira. As *abarcas* são, obviamente, a “peça falante” da representação heráldica da família nobre homónima. O excepcional estado de conservação da nossa peça ainda permite visualizar os atilhos das *abarcas*, na zona dos tornozelos, e as tiras que compunham este calçado tão característico.

Bordejando o campo central quadrado da matriz foi gravada uma legenda que ocupa três dos quatro lados do quadrado – os dois laterais e o superior. As suas letras têm, em média, 2,92 mm de altura e foram inscritas em regras com 4,51 mm de altura. Antes de procedermos à ordenação da legenda, registemos a sua leitura. Na regra do lado esquerdo lê-se: “ABARC”. Na regra superior lê-se: “A + S “. E, finalmente na regra do lado direito lê-se: “MARTIN”. A legenda foi gravada com recurso a caracteres góticos redondos. Como é usual neste tipo de peças, abre com uma cruz – no nosso caso uma cruz potenciada -, devendo a leitura iniciar-se ao centro da regra superior (portanto

⁷ À entrada “Abarca” dedicou Mário Fiúza um extenso comentário (VITERBO 1965, I, pp. 124-125).

sensivelmente a meio dela), correndo depois da esquerda para a direita, no sentido do ponteiro dos relógios. Ordenando os campos, nela se lê, sem dificuldade:

+ S / MARTIN / ABARC / A

ou seja

S(igilum) Martin Abarca

Como referimos, adossado a cada lado do quadrilátero desenvolve-se um campo semicircular, que confere à peça a forma do “quadrado lobado”. Neles foram iconografadas quatro pinhas, uma em cada semicírculo, colocadas na vertical, orientadas de baixo para cima e com pedúnculo.

A matriz sigilar de Martim Abarca era uma matriz sigilar de suspensão, apresentando no reverso, no apêndice de manuseamento, um orifício destinado a essa função (Fig. 7 e 8).

TIPOLOGIA E CRONOLOGIA

Antes de avançarmos para a tentativa de identificação do nobre a quem pertencia a matriz sigilar de Tavira importa analisar a peça do ponto de vista tipológico e caracterizá-la cronologicamente.

O universo das matrizes sigilares medievais que se conservam em Portugal compreende sessenta e três exemplares conhecidos – quarenta e seis arrolados e estudados por D. Luís Gonzaga de Lancastre e Távora, Marquês de Abrantes (TÁVORA 1983), e dezassete exemplares dados a conhecer por outros estudos⁸. Estes sessenta e três exemplares repartem-se por oito tipos distintos, como se pode verificar a partir do quadro de síntese que elaborámos:

Quadro I – Quadro tipológico das matrizes sigilares medievais portuguesas

Tipologia	TÁVORA 1983	Outros Estudos	Total	%
Circular	21	2 (RIBEIRO L. 1934) 1 (INFANTE 94) 1 (GOMES S.A. 2007) 1 (Projecto IPSIIS)	26	41,27 %
Dupla ogiva	8	1 (VIANA 1961) 2 (TÁVORA 1984, nº 1 e 2)	11	17,46 %
Quadrado lobado	6	1 (MANCELOS J. 1934; MANCELOS J. 1950; BOUZA-BREY F. 1950) 1 (TÁVORA 1984, nº 3) 1 (Projecto IPSIIS) 1 (Matriz de Tavira)	10	15,87 %
Escudo Peninsular	6	1 (MATTOS A. 1931) 1 (TEIXEIRA G. 1932) 1 (RIBEIRO L. 1932)	9	14,29 %
Ovalado	3	–	3	4,76 %
Hexagonal	1	1 (GOMES S.A. 2003)	2	3,17 %
Quadrilobado	1	–	1	1,59 %
Triângulo lobado	–	1 (RIBEIRO L. 1932)	1	1,59 %
TOTAL	46	17	63	100 %

⁸ Neste cômputo não incluímos peças difíceis de contabilizar e de caracterizar. Apenas a título de exemplo, na XVIIª Exposição Europeia de Arte Ciência e Cultura (Lisboa, 1983) estiveram expostas 18 matrizes sigilares da colecção particular de Rainer Daehnhardt, mas das quais apenas foi divulgada fotografia de dez, não sendo especificada a tipologia das restantes, a sua cronologia ou proveniência. Com referências tão vagas torna-se impossível de determinar se já estavam incluídas nos materiais arrolados e estudados pelo Marquês de Abrantes na obra divulgada nesse mesmo ano.

Como se pode verificar, o grupo mais numeroso é o das matrizes circulares – uma tipologia que engloba materiais de características muito heterogéneas, desde simples matrizes anepígrafas e de pequena dimensão, sem filiação familiar ou institucional clara, até matrizes com legendas e heráldica, claramente relacionadas com meios nobilitados, com instituições religiosas (monásticas ou episcopais) ou até com municípios. Logo de seguida encontramos o grupo das matrizes de “dupla ogiva”, com onze exemplares conhecidos. E, acompanhado de muito perto, em terceiro lugar, surge o grupo das matrizes de “quadrado lobado”, com dez exemplares conhecidos⁹. Este é, de resto, o tipo que apresenta uma filiação cronológica mais característica. Se não, vejamos a situação que, a este respeito, se pode traçar:

Quadro II – Matrizes sigilares portuguesas do tipo «quadrado lobado»

Nº	Matriz Sigilar (Legenda e Ident.)	Refª.	Cronologia proposta
1	+ : S : LOPO : DIAZ : S : + (Lopo Dias de Azevedo)	TÁVORA 1983, nº 1, p. 91	Último quartel Séc. XIV (*)
2	+ S : D : INES : FERNANDEZ (Inês Fernandes do Avelar)	TÁVORA 1983, nº 5, p. 94	Finais do Séc. XIII a finais do Séc. XIV (*)
3	+ S . VASCO : STEVENS : D ... (Vasco Esteves de Portel ou de Moles?)	TÁVORA 1983, nº 7, p. 95	1ª met. Séc. XIV (*)
4	+ S . STEVAN STEVEES + (Estêvão Esteves) ¹⁰	TÁVORA 1983, nº 33, pp. 113-114	Meados Séc. XIII – Séc. XIV (*)
5	+ S : M : DI : G : ORRIGIE : PORCINARII : SCT : NICHOLAY : SCATREN : + (Gonçalo Ourigues (??), Porcionário de S. Nicolau de Santarém) ¹¹	TÁVORA 1983, nº 45, pp. 119-120	Último quartel Séc. XIII (docu- mentado vivo em 1285) (?)
6	+ S GONCALO PIRIZ + (Fr. Gonçalo Pires, Comendador de Mér- tola, Ordem de Santiago)	TÁVORA 1983, nº 53, p. 124	Finais Séc. XIII – Séc. XIV (*)
7	+ S GARCIA CARNEIR (Garcia Carneiro)	MANCELOS J. 1934; MAN- CELOS J. 1950; BOUZA- -BREY F. 1950	Garcia Carneiro, nobre que acompanhou D. Pedro Garcia Sarmiento no cerco do castelo de Faria, em 1373
8	+ SGI VASCO COREII (Vasco Gomes Correia) (?)	TÁVORA 1984, nº 3	Último quartel séc. XIII – Inícios séc. XIV (*)
9	S MARTIN FERNANDES (Martim Fernandes)	Projecto IPSIIS	Matriz Sigilar de Martim Fernan- des identificado com o 6º Mes- tre de Avis (1238-1256) (?) ¹²
10	+ S : MARTIN ABARCA (Martim Abarca)	Tavira	

(*) Datação proposta pelo Marquês de Abrantes, *op. cit.*, 1983.

⁹ Excluimos deste grupo a matriz sigilar do Concelho de Viana de *Posin*, hoje Viana do Alentejo, que o Marquês de Abrantes classifica como “quadrado lobado” (TÁVORA 1983, nº 58, p. 127) mas que nós preferimos incluir dentro de um grupo específico dos “quadrilobados”. No primeiro caso, os lóbulos arrancam do centro do campo quadrado, no segundo os lóbulos arrancam directamente uns dos outros. Atente-se que, de resto, este seria o único selo concelhio no grupo dos “quadrados lobados”, que nos parece ser claramente uma tipologia senhorial.

¹⁰ Estêvão Esteves, advogado e porteiro-mor de D. Dinis, a quem o monarca deu, em 1321, carta autorizando a fortificação da sua torre da Quinta de Almansor (Graça do Divor, Évora)?

¹¹ A partir da sua leitura da inscrição, o Marquês de Abrantes identificou este selo como sendo de Gonçalo Ourigues, Porcionário de S. Nicolau de Santarém, vivo em 1285. A nossa proposta de leitura da inscrição é distinta e tem óbvias implicações na identificação e cronologia propostas. Nela conseguimos ler: + S . I . MC . CORRIGIE . PORCIONARII . SCI . NICHOLAY . SCTREN.

¹² Mantemos reservas a esta identificação. O tema central é claramente uma flor-de-lis, e não um “braço de cruz flordelizada”, descrição que configura uma tentativa, excessiva, de legitimar a identificação proposta. Ainda assim, cremos que será uma peça da segunda metade do Séc. XIII ou dos inícios do Séc. XIV.

Deste quadro de síntese ressalta que este tipo de matriz sigilar esteve em uso entre os meados do Século XIII e os finais do Século XIV (se a identificação de D. Lopo Dias de Azevedo estiver correcta, como aparentemente está, pela dupla conjugação da legenda e das armas compostas pela águia, dos Azevedos, linhagem paterna, e os coelhos na bordadura quadrilobada, dos Coelhoos, linhagem materna). Mas estamos, maioritariamente, perante peças que percorrem um arco cronológico entre a segunda metade do Século XIII e a primeira metade da centúria seguinte. Estas cronologias estão de acordo com os dados conhecidos para a vizinha Espanha.

Com efeito, D. Faustino Menéndez Pidal e Elena Gómez Pérez registam que a difusão do uso de matrizes sigilares foi um acontecimento social que se propagou na Península Ibérica a partir da primeira década do Séc. XIII, quando se começaram a vulgarizar as matrizes de suspensão, com pequeno apêndice no reverso, para facilitar o seu manuseamento no acto de apor o selo no documento e, simultaneamente, permitir a sua suspensão (MENÉNDEZ PIDAL e GÓMEZ PÉREZ 1987, p. 22). Segundo os mesmos autores, os selos “lobulados”, onde se incluem os “quadrados lobados”, parecem corresponder a uma tipologia de origem castelhana, zona onde colheram grande aceitação: “*De origen castellano parecen ser ... los sellos lobulados. Su uso alcanzó en Castilla proporciones notables (entre las matrices planas recogidas, 24% de los sellos personales no eclesiásticos), se propagó principalmente a Portugal y más tarde a Cataluña ... y a Navarra, ya habiendo perdido algo de las formas originales, y por Aquitania llegó hasta Inglaterra. El tipo más primitivo es el cuadrilobulado, formado por un cuadrado de cuyos lados nascen lóbulos semicirculares*” (MENÉNDEZ PIDAL e GÓMEZ PÉREZ 1987, p. 23). Retenhamos, portanto, que se trata de uma tipologia com um peso significativo entre as matrizes pessoais não eclesiásticas – exactamente o mesmo perfil que encontramos em Portugal, onde esta tipologia pertence sempre a nobres ou, pelo menos, a pessoas abastadas, não sendo tipologia adoptada por instituições (eclesiásticas ou municipais). Este tipo de selos, ainda segundo os mesmos autores, teria entrado em decadência nos finais do século XIV (MENÉNDEZ PIDAL e GÓMEZ PÉREZ 1987, p. 24), mais um dado que concorda com o panorama português.

IDENTIFICAÇÃO E CONTEXTOS

A identificação da linhagem de Martim Abarca não oferece dificuldade: como referimos, trata-se da família dos Abarca, que utilizaram como brasão um escudo carregado com duas abarcas de ouro. A linhagem dos Abarca, procedente de Aragão, tem origem muito remota e prestigiada. Pedro Garcês de Cariñena, no seu *Nobiliário de Aragón*, registava: “*Los de Avarca. Estos fueron ricoshombres en el tiempo antiguo e de linage real.*”¹³. Pretendia insinuar o genealogista, como a prosápia da linhagem insiste em consagrar, que esta família descendia de Sancho Garcês I, por alcunha “Sancho Abarca”, rei de Pamplona e Conde de Aragão (905-925)¹⁴. Na origem da linhagem encontra-se, portanto, sangue real.

Mas as armas representadas na matriz sigilar de Tavira apresentam as abarcas ao centro (portanto, pelo lado paterno) e as pinhas na bordadura (portanto, pelo lado materno). E essa associação, de abarcas e pinhas, aparece na heráldica com os Abarcas, senhores de Gavín. Segundo Manuel Gomez de Valenzuela, o primeiro documento em que os Abarcas surgem como titulares do senhorio de Gavín data de 1283¹⁵. Um dos mais conhecidos foi D. Sancho Abarca, que casou com Beatriz Mur, de quem teve vários filhos, entre os quais se conta um D. Martim Abarca y Mur, que, dizem os registos genealógicos, “*morreu novo*”. No entanto, e apesar da coincidência de nome, devemos sublinhar que não cremos que seja este o nobre a quem pertencia a matriz sigilar de

¹³ GARCIA DE CARIÑENA 1983, p. 45.

¹⁴ Sobre Sancho Garcês I, Abarca, veja-se o recente estudo de CAÑADA JUSTE 2012.

¹⁵ <http://www.serrablo.org/revista/102/los-abarca-senores-de-gavin-y-de-serue>.

Tavira, por dois motivos: porque D. Martim Abarca y Mur terá morrido na defesa do Castelo de Los Fayos, em nome de Henrique II de Trastâmara, o que nos parece ser uma cronologia demasiado avançada para a peça que nos ocupa; e porque, a ser hipoteticamente dele, a sua presença em Tavira, algures no terceiro quartel do século XIV, seria mais difícil de explicar¹⁶.

Portanto, e apesar da identificação da linhagem ser segura, e malgrado todos os esforços desenvolvidos, não conseguimos mais dados para identificar o “nosso” Martim Abarca¹⁷. Na sua biografia apenas podemos registar que pertenceu à linhagem dos Abarcas e que esteve em Tavira, provavelmente nos meados ou na segunda metade do século XIII, onde perdeu a sua matriz sigilar ou onde, eventualmente, poderá ter morrido.

Em que contexto histórico podemos enquadrar a deposição da matriz sigilar na acrópole de Tavira? Há algumas situações históricas que ocorrem de imediato. Em primeiro lugar, e como é óbvio, a conquista cristã de Tavira, por D. Paio Peres Correia, Mestre da Ordem de Santiago, em 11 de Junho de 1242, evento onde o mestre espatário contou com o apoio de vários nobres e freires castelhanos (BARROCA 2003, p. 60; CAVACO e COVANEIRO 2013, p. 429). Segundo o *Martiriologio* do Convento de Uclés, na conquista de Tavira teriam falecido sete cavaleiros de Santiago, sendo mencionados os nomes de quatro: “... *et occissi sunt appud Taviram pro Christi nomine domnus Petrus Petri quomdam comendador de Segura, et Beltrianus Ochova, et Alvaro Garsis, et Durandus Blassi et alli tres fratris...*” (AA.VV. 2003, p. 174). Neste elenco faltava nomear, portanto, três freires. Mas na *Crónica da Conquista do Algarve*, obra mais tardia, registam-se os nomes dos sete cavaleiros que receberam tumulação na Igreja de Santa Maria de Tavira (onde ainda hoje se conserva o seu cenotáfio, com as sete cruzes santiaguistas). E eles seriam: “... *o primeiro D. Pedro Periz, comendador-mor, o segundo Merulo do Vale, o terceiro Durando Vaz, e o quarto Alvaro Garçia, e o quinto Esteveao Vaz, e o sexto Valeiro de Coia e o mercador Garcia Roiz...*” (AA.VV. 2003, p. 174). Portanto, e a confiar nestes elencos, o nosso Martim Abarca não figuraria entre os nobres que teriam morrido na conquista de Tavira e que ficaram memorizados nos registos da época. Tão pouco sabemos se foi, ou não, freire da Ordem de Santiago...

Mas também se poderiam invocar outros eventos militares, como, por exemplo, o cerco levantado a Tavira por Afonso X, o Sábio, em 1252, no contexto da querela em torno dos direitos soberanos sobre o reino do Algarve. E há outras possibilidades, embora mais tardias. Sandra Cavaco e Jaquelina Covaneiro registam, em 1338, uma investida de Afonso XI sobre as taracenas de Tavira, que foram incendiadas e destruídas (CAVACO e COVANEIRO 2013, p. 429).

Sublinhemos que a matriz sigilar de Tavira não constitui exemplo único de uma peça deste tipo perdida por um nobre castelhano em território português. Com efeito, a matriz aparecida nas escavações promovidas pelo «Grupo Alcaldes de Faria» no Castelo de Faria (Franqueira, Barcelos) – que pertencia a Garcia Carneiro, nobre galego ligado à família dos Carneiros, originária da vila de Noya (Coruña), onde tinham torre e capela funerária anexa à igreja – configura uma situação idêntica, como sugeriu D. Firmín Bouza-Brey (BOUZA-BREY 1950).

Esperemos que futuras investigações consigam trazer mais luz sobre o aparecimento da matriz sigilar de Martim Abarca nas imediações da muralha muçulmana de Tavira.

¹⁶ Houve um ramo dos Abarcas que acabou por passar por Tavira, nos alvares da Época Moderna – os Abarcas descendentes de D. Pedro de Abarca, natural de Tuy, cuja filha, Maria de Abarca, casou com o nobre de Tavira, João Vaz Corte-Real, capitão-donatário de Angra do Heroísmo, onde Maria Abarca veio a falecer em 1512 (cf. MENDES e FORJAZ 2007, vol. I., p. 29). Mas os dados cronológicos invalidam que a matriz sigilar que nos ocupa possa corresponder a algum filho deste casamento.

¹⁷ Para além dos estudos de GOMEZ VALENZUELA, citado na nota precedente, e de GARCIA DE CARIÑENA (1983), consultamos igualmente o estudo de FANTONI Y BENEDI (1998-2002), mas em nenhum conseguimos apurar mais dados sobre Martim Abarca. Tão pouco encontramos rasto da sua presença na documentação medieval portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. (1983) – *A Mão que ao Ocidente o Vêu Rasgou – Armaria*, Catálogo da XVIIª Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura «Os Descobrimientos Portugueses e a Europa do Renascimento», Núcleo da Torre de Belém, Lisboa, nº 399 (p. 227 e 237)
- AA.VV. (2003) – *Tavira. Território e Poder*, Catálogo da Exposição, Lisboa-Tavira, Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Tavira
- BARROCA, Mário Jorge (2003) – “Da Reconquista a D. Dinis”, *Nova História Militar de Portugal*, vol. 1, Coord. de José Mattoso, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 21-161
- BOUZA-BREY, Firmín (1950) – “Sobre el origen galego del sello medieval de Garcia Carneiro”, *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, Ano 2, nº 2, Barcelos, pp. 33-36
- CAÑADA JUSTE, Alberto (2012) – “Quién fue Sancho Abarca?”, *Príncipe de Viana*, Ano 73, nº 255, Pamplona, Janeiro-Abril, pp. 79-131
- CAVACO, Sandra; COVANEIRO, Jaquelina (2013) – “O Castelo e o povoado de Tavira. Traços evolutivos do islâmico ao cristão”, in FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (Coord. de), *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (Séculos VI a XVI)*, Lisboa-Mértola, Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, pp. 427-434
- FANTONI y BENEDI, Rafael (1998-2002) – “Los Abarca de Bolea, Marqueses de Torres”, *Argensola: Revista de Ciencias Sociales del Instituto de Estudios Altoaragoneses*, nº 112, Huesca, pp. 243-257
- FARIA, António Machado (1932-1934) – “Um cunho esfragístico”, *Arquivo Histórico de Portugal*, vol. 1, Lisboa, pp. 169-182
- FERNANDES, Carla Varela (2000) – *A Igreja de Santa Maria do Castelo de Tavira*, Tavira, CMT/Edições Colibri
- FRAGA, Luís da (2008) – “Uma planta inédita de Tavira do séc. XVI”, *Campo Arqueológico de Tavira*, 4 de Abril de 2008. Disponível on line: <http://arkeotavira.com/Mapas/Ferrari/noticia-tavira-ferrari-net.pdf>.
- GOMES, Saúl António (2003) – “Matrizes sigilares”, *Colecção Esfragística da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, Coimbra, IU, pp. 91-98
- GOMES, Saúl António (2004) – “Sinete. Sécs. XII-XIII”, *Inventário do Museu Nacional Machado de Castro. Colecção de Ourivesaria Medieval (Sécs. XII-XV)*, Lisboa, IPM, p. 106
- GOMES, Saúl António (2007) – “Uma matriz sigilar tardo-medieval no Mosteiro de Santa Clara-a-Velha de Coimbra”, *Património Estudos*, nº 10, Lisboa, pp. 110-112
- GOMES, Saúl António (2008) – *Introdução à Sigilografia Portuguesa. Guia de Estudo*, Coimbra, FLUC
- INFANTE 94 (1994) – *Henrique, o Navegador*. Catálogo da Exposição Comemorativa do 6º Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique, Porto, AHMP-FEAA
- IPSIS – Associação Projecto IPSIS, Portimão: <http://www.ipsis.net/index.php?idType=3&idMenu=4&idGroup=10&idSubGroup=14>
- MAGALHÃES, Natércia (2008) – *Algarve. Castelos, Cercas e Fortalezas*, Faro, Letras Várias, Edições e Arte.
- MAIA, Manuel (2003) – “Muralhas islâmicas de Tavira”, in: *Tavira Território e Poder*, Câmara Municipal de Tavira, IPM – Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 155-167.
- MATTOS, Armando de (1931) – *Uma relíquia sigilar (Museu Municipal de Vila Nova de Gaia)*, Gaia, Edições Pátria
- MENDES, António Ornelas; e FORJAZ, Jorge (2007) – *Genealogias da Ilha Terceira*, vol. I, Lisboa, Dislivro Histórica
- MENÉNDEZ PIDAL DE NAVASCUÉS, D. Faustino; GOMÉZ PÉREZ, Elena (1987) – *Matrizes de Sellos Españoles (Siglos XII al XVI)*, Madrid, Ministerio de Cultura
- RIBEIRO, Luciano (1932) – *Duas matrizes sigilares encontradas em Alenquer*, sep. de *Arqueologia e História*, 6ª Série, vol. 10, Lisboa, pp. 95-101
- RIBEIRO, Luciano (1934) – *Três matrizes sigilares*, Lisboa
- SAMPAYO, José Mancelos de (1934) – *Um sinete interessante*, Lisboa, 1934 (Sep. de *Trabalhos da Associação dos Arqueólogos Portugueses*)
- SAMPAYO, José Mancelos de (1950) – “Um sinete interessante”, *Boletim do Grupo Alcaides de Faria*, Ano 2, nº 2, Barcelos, pp. 39-45
- TAVARES, Maria José Pimenta Ferro (1982) – *Os Judeus em Portugal no Século XV*, tomo 1, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa.
- TÁVORA, D. Luís Gonzaga de Lancastre e (1983) – *O Estudo da Sigilografia Medieval Portuguesa*, Lisboa, ICLP
- TÁVORA, D. Luís Gonzaga de Lancastre e (1984) – *Apointamentos de Armaria Medieval Portuguesa. VI. Três Matrizes Sigilares Medievais*, Lisboa
- TEIXEIRA, Garcês (1932) – “Um sinete medieval”, *Feira da Ladra*, tomo 5, nº 1, Lisboa, pp. 30-32
- VIANA, Abel (1961) – *Nossa Senhora da Cola. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo*, Beja (Sep. de *Arquivo de Beja*, vol. XVII, Beja, 1960)

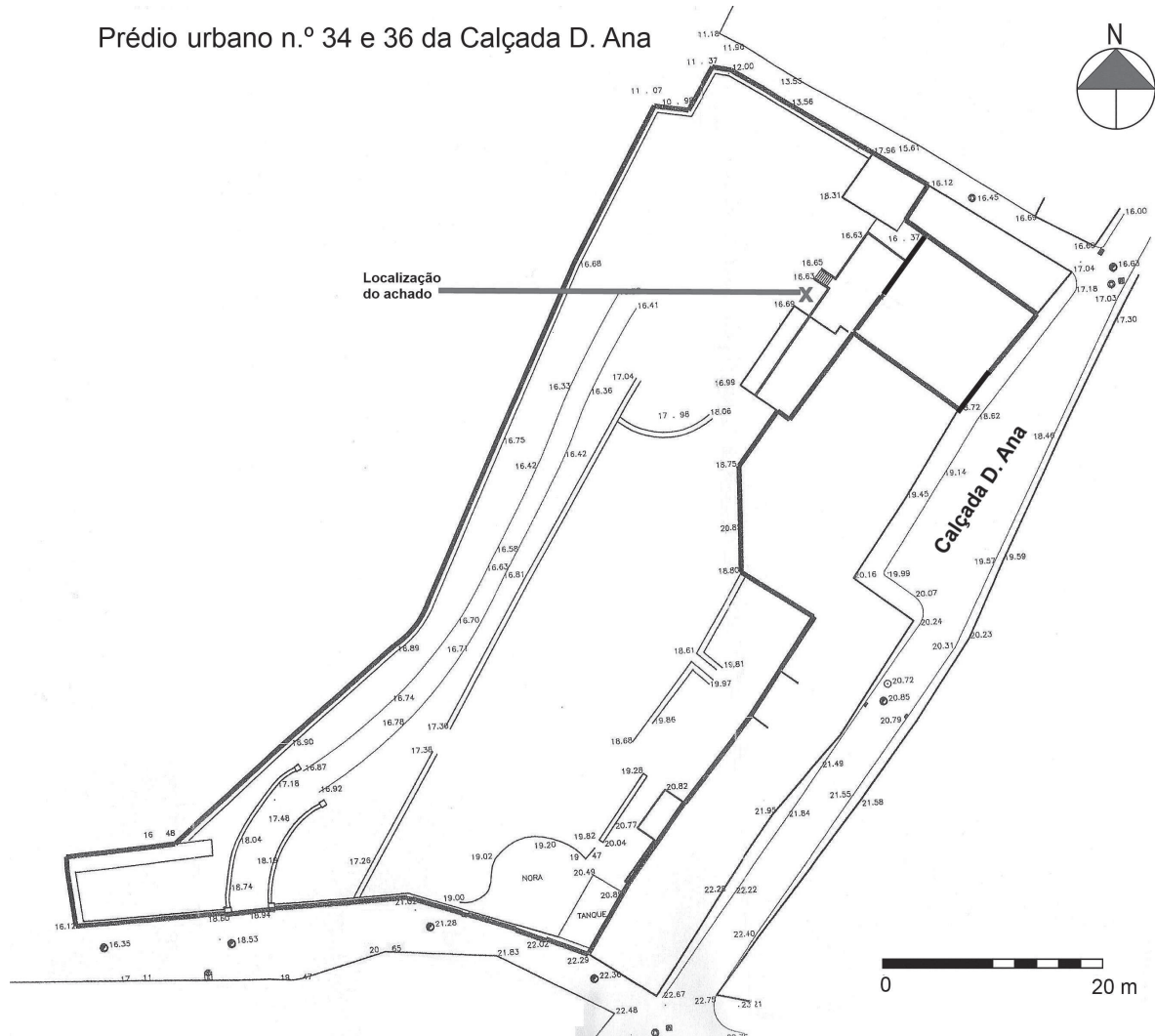


Fig. 1 – Planta do prédio urbano n.ºs 34 e 36 da Calçada D. Ana com localização do sítio onde foi encontrada a matriz sigilar, em 2003.



Fig. 2 – Localização da propriedade na cidade de Tavira.



Fig. 5 – Matriz Sigilar de Martim Abarca (anverso).



Fig. 6 – Matriz Sigilar de Martim Abarca (perfil).

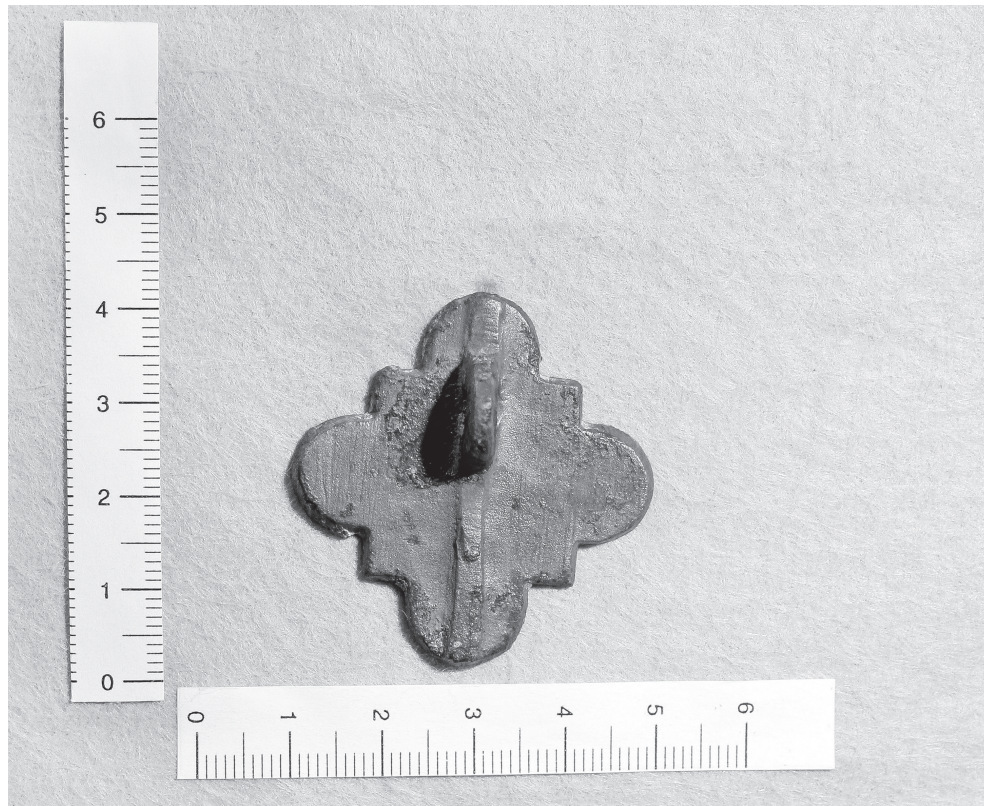


Fig. 7 – Matriz Sigilar de Martim Abarca (reverso).

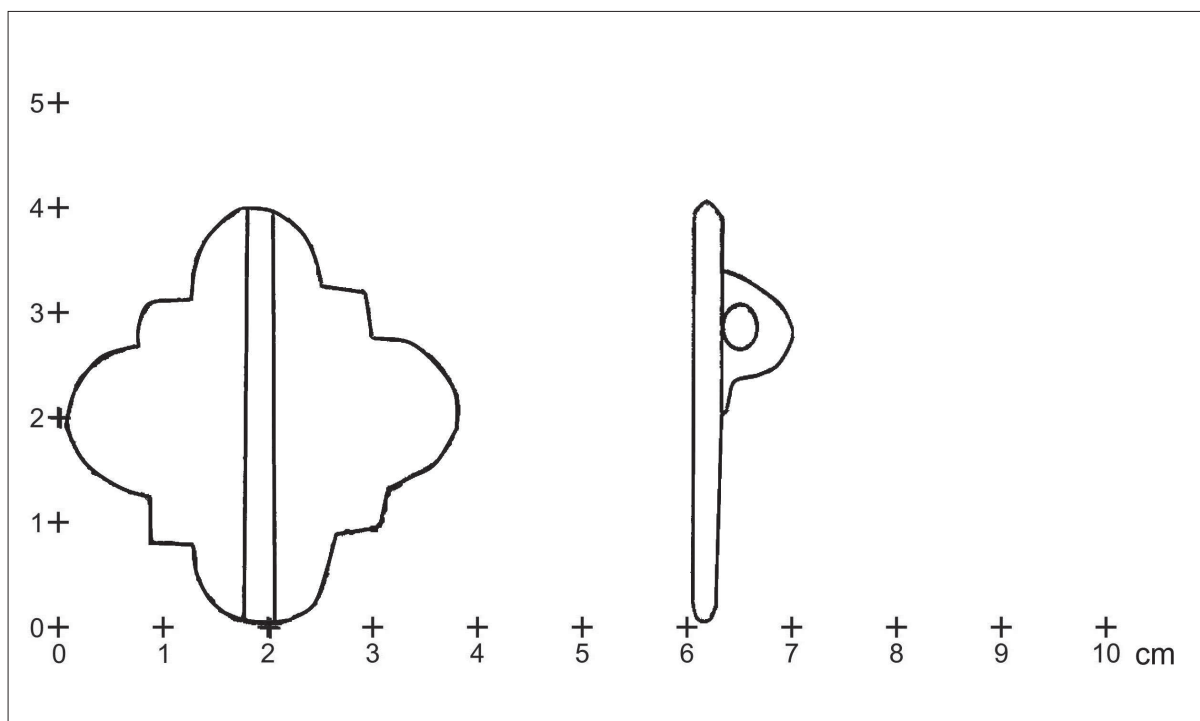


Fig. 8 – Desenho da Matriz Sigilar de Martim Abarca.

